



TRANSEXUALIDADE E O DIZER PSICANALÍTICO

Francisco André da Silva, Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ. E-mail: andrew8398@hotmail.com

Centro Universitário de João Pessoa-UNIPÊ. E-mail: b_mello@terra.com.br

RESUMO A transexualidade é atualmente definida como o desejo persistente de viver e ser aceito como uma pessoa do sexo oposto. Essas pessoas podem apresentar enorme sofrimento psíquico por causa de seu sexo anatômico e almejam submeter-se a cirurgias ou tratamentos hormonais para redefinirem seus corpos. Enquanto, a travestilidade é uma vivência de gênero discordante do sexo biológico, em que a pessoa travesti usa vestimentas do gênero oposto chegando a modificar seus corpos, sem a intenção de redefinir sua genitália. Atualmente, o Conselho Federal de Psicologia levantou a campanha pela despatologização dessas identidades, por entendê-las como mais uma expressão da diversidade de gênero e sexual. O objetivo geral deste estudo foi conhecer as opiniões dos psicólogos de orientação psicanalítica sobre o processo de despatologização da transexualidade. O presente artigo é derivado de uma pesquisa de campo, qualitativa e quantitativa, tendo como lócus a cidade de João Pessoa-PB. A amostra foi selecionada por conveniência. Foram entrevistadas três psicólogas de orientação Psicanalítica com mais de 10 anos de atuação. As entrevistas foram averiguadas pela Análise de Conteúdo de Bardin e apontaram que todas as psicólogas entrevistadas são favoráveis ao processo de despatologização das identidades trans. Embora ligassem essas identidades a um discurso de vitimização, estas compreendem a experiência dos transgêneros a luz de suas abordagens clínicas, como um caminho de constituição subjetiva, sem deixar de levar em consideração as variáveis políticas e sociais na compreensão dos fenômenos do preconceito e discriminação vivenciados pelas pessoas que estão no trânsito dos gêneros: travestis e transexuais.

Palavras Chave: Transexualidade. Despatologização. Psicanálise

1 INTRODUÇÃO

Compreender a diversidade de gênero e sexual é importante para o trabalho do psicólogo na contemporaneidade, devido que, em qualquer área de sua atuação este poderá ser solicitado a responder demandas que envolva esta temática. O (a) psicólogo (a) como profissional da saúde mental deverá prevenir, reabilitar e promover os processos de saúde psicológica das pessoas que recorrerão aos seus serviços.

Ao estudar sobre os transgêneros e o seu processo de despatologização é necessário compreender que os conceitos de normalidade, saúde e doença são construções históricas, sociais e políticas e estão em constante transformação em nossa sociedade.

A transexualidade é definida como o desejo persistente de viver e ser aceito como uma pessoa do sexo oposto. Essas pessoas podem apresentar enormes desconfortos emocionais por causa de seu



sexo anatômico, almejam submeter-se a cirurgias ou tratamentos hormonais para redefinirem seus corpos (CID-10, 1993).

Já a travestilidade é uma vivência de gênero discordante do sexo biológico, em que a pessoa travesti usa vestimentas do sexo oposto chegando a modificar seu corpo, sem a intenção de redefinir seu sexo biológico. Ainda pode ser definida como: uma identidade que está na transição dos gêneros (SILVA, 2014).

A Organização Mundial da Saúde através da sua Classificação Internacional de Doenças - CID-10, diagnóstica a experiência transexual como o Transtorno de Identidade de Gênero. Enquanto Associação de Psiquiatria Americana (APA, 2013) caminha em direção a despatologização destas identidades ao emitir o seu quinto Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), no qual os transgêneros deixaram a categoria de Transtorno de Identidade de Sexual para a nomenclatura de Disforia de Gênero. Desta forma, a identidade não é mais compreendida como um transtorno por si mesmo.

No Brasil, o Conselho Federal de Medicina (CFM), publicou as Resoluções Federais nº 1.482/1997, nº 1.652/2002 e nº 1.955/2010, considerando que o paciente transexual é portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual

com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação ou auto-extermínio. Permitindo a realização das cirurgias de transgenitalização como forma de corrigir terapeuticamente os casos de transexualidade (CFM, 1997, 2002, 2010).

A Psicologia brasileira nos últimos anos vem promovendo ações pela inclusão e despatologização destas identidades. O Conselho Federal de Psicologia considerando o direito à cidadania, bem como a igualdade e dignidade da pessoa humana, garantido pela Constituição Federal, publica a resolução N.014/11, permitindo os psicólogos (as) travestis e transexuais, a utilizarem seus nomes sociais, no campo “observação” de suas carteiras de identificação profissional. Este fato abre precedentes para o questionamento e conseqüentemente mudança sobre a forma como a ciência psicológica compreende a experiência transexual.

Outra publicação de suma importância é a emissão da Nota Técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans, este documento orienta a atuação dos psicólogos em promover saúde a esta população, partindo do pressuposto de que a transexualidade e a travestilidade não constituem psicopatologias, embora sejam



expressões do gênero e da sexualidade não normativa (CFP, 2013).

Em 2014 é oficializada a campanha pela despatologização destas identidades, o CFP entende que embora as expressões transexuais não correspondam ao padrão socialmente construído de gênero e sexualidade, tais identidades não constituem psicopatologias, mas formas diversas da manifestação da pluralidade humana.

A Perspectiva Psicanalítica

A Psicanálise foi cronologicamente a primeira abordagem clínica da Psicologia, fundada pelo médico austríaco Sigmund Freud no ano de 1900 com a publicação do livro “A interpretação dos sonhos”, obra em que afirma a existência de uma dimensão inconsciente que tem total influência sobre o comportamento e a personalidade. Seus estudos sobre a sexualidade tiveram início com a publicação dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Nele expressa a teoria da sexualidade infantil, até então desconhecida, e os ensaios sobre as perversões.

Freud (1905/1977) desconstruiu o corolário da predestinação biológica do instinto, postulando que a sexualidade é um caminho a ser construído. Anos depois ele irá explicar que a identidade

sexual começa com a adoção psíquica e no desejo dos pais em gerarem filhos. Com a chegada do bebê, este será acolhido no narcisismo dos pais que ajudará na constituição do próprio narcisismo do infante. O mesmo se desenvolverá afetivamente na relação com seus cuidadores, vivenciando as fases psicosssexuais e se tornará sujeito de desejo (FREUD, 1914/1977).

Faz parte da premissa freudiana que a construção do sujeito psicosssexual tem sua base na bissexualidade psíquica, ou seja, o ser humano desde o nascimento tem a disponibilidade para se identificar com os referenciais masculinos ou femininos. E ainda a possibilidade do desejo erótico escolher objetos masculinos, femininos ou ambos para o seu investimento libidinal. Assim, o caminho da pulsão está aberto a múltiplas possibilidades do fazer-se humano.

Vale esclarecer que a bissexualidade psíquica não significa que todas as pessoas terão desejo e comportamentos bissexuais na vida adulta. A bissexualidade originária afirma que, universalmente, o ser humano na sua constituição psíquica é polimorficamente perverso, aberto a uma construção, que será influenciada pelas relações primárias estabelecidas na história de vida do sujeito



(LIONÇO, 2006).

Embora não haja registro na obra freudiana sobre o conceito de transexualidade tal como se compreende na atualidade, exceto o célebre caso Schreber, em que narra a experiência de um psicótico com delírios de querer ser mulher (FREUD, 1911/1977), a ciência do inconsciente possui uma longa tradição de lançar luz sobre as áreas obscuras da personalidade, e defende a ideia de que a transexualidade tem origem na construção do sujeito psicosssexual.

Arán (2009) expressa que o fenômeno da transexualidade se torna um desafio contemporâneo para a Psicanálise, no tocante ao dispositivo da diferenciação sexual, teoria proposta por essa ciência, e que ainda não existe consenso sobre a etiologia da transexualidade.

Para alguns psicanalistas, a transexualidade seria sintoma de uma estrutura perversa; para outros, apoiados em uma perspectiva lacaniana, seria um processo de foraclusão, ou seja, sintoma de uma estrutura psicótica, uma vez que estes sujeitos não internalizaram a lei e negariam a diferenciação sexual.

Psicanalistas embasados nas teorias stollerianas acreditam tratar-se de um distúrbio egóico, sintoma de uma estrutura neurótica (COSSI, 2014). Assim, a experiência transexual ainda é

considerada uma psicopatologia na maior parte do discurso da Psicanálise e estaria ligada ao processo identificatório, resultante do complexo de Édipo. Neste caso, o Édipo invertido, ou ainda a fragmentação do mesmo sem a operação da castração simbólica.

Lionço (2006) confirma esta falta de consenso no discurso da Psicanálise, e expressa que as classificações psicóticas e perversas servem para construir representações psicopatologizante dessas identidades. Com base em seus estudos e no trabalho clínico com essa população, a autora afirma que a maioria dos casos atendidos por ela de pessoas transexuais tratava-se de expressões psicodinâmicas neuróticas, uma vez que não se negavam a reconhecer os limites e as diferenças dos corpos sexuados. Esses indivíduos em suas falas revelavam a angústia de castração, o que é típico no discurso das estruturas clínicas neuróticas.

Para Ceccareli (2008), esta expressão da sexualidade foi a melhor maneira que esse sujeito arquitetou para resolver os seus conflitos intrapsíquicos. Porquanto, o maior sofrimento experimentado por essas pessoas é a inadequação entre o seu sexo biológico e sua identificação de gênero, tais pessoas almejam persistentemente corrigir tal



incongruência através da intervenção cirúrgica.

Ancorada a esta breve revisão teórica, este trabalho teve como objetivo conhecer a opinião dos psicólogos de orientação psicanalítica sobre o processo de despatologização da transexualidade. Enquanto os objetivos específicos foram: investigar o conhecimento das psicólogas sobre o fenômeno da transexualidade, verificar se estes profissionais se sentem preparado para o atendimento de transexuais, e analisar o trabalho de profissionais nos atendimentos a população.

2 METODOLOGIA

Este trabalho é derivado de uma pesquisa de campo que teve como objetivo conhecer as opiniões dos psicólogos clínicos de três abordagens distintas acerca do processo de despatologização da transexualidade. Todavia neste estudo iremos nos deter ao conhecimento gerado pelas informações obtidas dos profissionais de orientação Psicanalítica. Para alcançar os objetivos propostos foram utilizados dois instrumentos: 1) questionário sócio demográfico; 2) instrumento composto por 11 itens, elaborado especificamente para este trabalho. Os dados coletados pelas entrevistas foram analisados pela

técnica de Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2010). Este estudo foi realizado considerando-se os aspectos éticos pertinentes a pesquisas envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução nº 466/12.

3 RESULTADOS

Abaixo, segue tabela referente aos dados sócios demográficos dos participantes entrevistados:

	SEXO	IDA DE	ESTADO CIVIL	RELI GIÃO	FORMA ÇÃO	ABORDAG EM	TEMPO DE ATUAÇÃO
Sujeito 1	F	44	Casada	Espí rita	Doutor a	Psicanáli se	21 anos
Sujeito 2	F	61	Divorci ada	Não Tem	Especi alista	Psicanáli se	19 anos
Sujeito 3	F	64	Casada	Cató lica	Especi alista	Psicanáli se	14 anos

Tabela 1: Dados sócios demográficos

De acordo com a tabela acima, foram entrevistadas três psicólogas do sexo feminino, a idade variou de 44 a 64 anos. O estado civil foi de duas casadas, e uma divorciada. No quesito religião uma se denominou católica, uma espírita, e a outra sem religião. Todas têm pós-graduação, sendo uma doutora e duas especialistas. O tempo de atuação clínica variou de 14 a 21 anos. Todas com ou em formação Psicanalítica. Já a Análise de Conteúdo Temática gerou um conhecimento geral baseado em oito categorias e dezesseis subcategorias conforme o quadro abaixo



das respostas:

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
Atendimento às pessoas com questões sexuais	Afirmativo
	Atendimento a homossexuais
Formação específica para atender questões sexuais	Afirmativo
	Negativo
Percepção se Há diferença no atendimento em relação gênero	Negativo
	Afirmativo
Percepção sobre a transexualidade	Vitimização
	Científica
Atendimento a transgêneros	Negativo
	Afirmativo
Preparação teórica para atender esta demanda	Afirmativo
Percepção sobre a despatologização da Transexualidade	Não é doença
	Afirmativa
	Etiologia
Propostas para a despatologização	Social
	Clínica

Quadro 1: Respostas dos Psicólogos de Orientação Psicanalítica

Foi evidenciada no relato das psicólogas de orientação Psicanalítica, a categoria Atendimento às Pessoas com Questões Sexuais, duas subcategorias uma afirmativa confirmando que atende estas demandas: “Sim. Pessoas têm questões ligadas à sexualidade/ sexualidade está na estruturação do sujeito/ É uma pulsão forte que nos move”. E outra subcategoria evidenciando o atendimento a pessoas homossexuais, embora não houvesse nenhuma pergunta direcionada a homoafetividade.

Com relação à categoria Formação para Atender, embora não tenham feito nenhuma formação específica, exceto pequenos cursos, pois a própria abordagem psicanalítica oferece suporte. Enquanto na categoria Percepção se há Diferença no Atendimento em Relação ao Gênero, todas expressaram que não há diferença no atendimento entre sexos, pois a essência ou os problemas do ser humano são os mesmos.

Em relação à categoria Percepção sobre a Transexualidade, estas psicólogas apresentaram uma subcategoria científica: “Um caminho de constituição psíquica/ O transexual aponta claramente que a biologia não responde pelo sujeito / identidade subjetiva que está além do

4 DISCUSSÃO



órgão e gênero”. Este resultado está embasado na teoria freudiana da plasticidade sexual (FREUD, 1905; LIONÇO, 2006).

Já na outra subcategoria os dizeres foram classificados como vitimização, pois revelaram os relatos sobre sofrimentos e angustias. E quanto à categoria Atendimento aos Transgêneros, houve uma subcategoria Afirmativa: “sim, normal”. E outra Negativa: “nunca atendi transexuais”. Sobre a preparação teórica para atender esta demanda afirmaram que se sentem preparadas, ancorada na abordagem psicanalítica, pois esta é uma teoria da sexualidade.

Quanto à Percepção sobre a Despatologização da Transexualidade, evidenciou-se uma concordância afirmativa, justificada por três subcategorias de que a transexualidade não é doença, quanto à etiológica “a biologia não responde as possibilidades de constituição psíquica” e afirmativa confirmando a necessidade do processo de desmedicalização.

Sobre as Propostas para a Despatologização: apareceram duas subcategorias uma clínica embasada na possibilidade de ajuda psicológica e outra social, levando em consideração “ideia é de ajuda social/ Precisa ser discutida/ debatida, nas áreas da política/

Tem uma questão social/ o contexto social é fundamental”.

Identifica-se que as informações emitidas pelas psicólogas Psicanalíticas, estão em concordância com a perspectiva defendida por Lionço (2006), uma vez que estas profissionais compreendem a experiência dos transgêneros a luz de suas abordagens clínicas, sem deixam de levar em consideração as variáveis políticas e sociais na compreensão dos fenômenos do preconceito e discriminação, como também de propostas sobre a despatologização destas subjetividades. Assim, o viés clínico está dialogando com o discurso sociocultural.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa possibilitou conhecer a opinião dos psicólogos clínicos de orientação psicanalítica acerca do processo de despatologização da transexualidade: em que todas afirmaram serem favoráveis. Também foi possível verificar que apenas uma entrevistada desta amostra atendeu uma pessoa no trânsito dos gêneros. O que dificulta uma análise mais consistente do trabalho destas profissionais nos atendimentos às pessoas travestis e transexuais.

Com relação ao conhecimento das



psicólogas sobre o fenômeno da transexualidade, percebe-se que estas profissionais embora ligassem essas identidades a um discurso de vitimização, estas também compreendem como processos de subjetivação constituídos, o que foi classificado como um discurso científico, ancorada em sua teoria psicanalítica. No entanto, não trouxeram uma classificação de estruturas de personalidade: neurótico, psicótico, perverso. Desta forma esta amostra não patologizou a experiência transexual. Todas verbalizaram preparação técnica ou disponibilidade para atender este segmento populacional.

Possivelmente a campanha levantada pelo CFP pela despatologização das identidades trans, tenha de alguma forma contribuído para este resultado, uma vez que estas informações são transmitidas a todos os profissionais através de informativos impressos, como também por meio eletrônico através do site oficial desta autarquia.

Espera-se que futuras pesquisas venham aprofundar e problematizar este tema, pois se entende o quão importante é para a construção de uma visão positiva dos transgêneros, como também a efetivação de políticas públicas inclusivas, e o desenvolvimento de dispositivos que

promovam a saúde psicológica para este segmento populacional.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental diseases. 5rd ed. Washington (DC): APA, 2013.

ARAN, M. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 653-673, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso: em 13 ago. 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Edições 70, 2010.

CECCARELLI, P. R. **Transexualidade.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução 1482/1997.** Dispõe sobre o procedimento de transgenitalização e demais intervenções sobre gônadas e caracteres sexuais secundários. Brasília. Disponível em: <<http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1997>> Acesso em: 20 mar 2015, 19h15min.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução 1.652/2002.** Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalização e revoga a Resolução 1.482/1997. Brasília. Disponível em: <<http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1652>>. Acesso em: 20 mar 2015, 19h20min.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução nº 1.955/2010** Dispõe sobre a



cirurgia de transgenitalismo e revoga a

Resolução CFM nº 1.652/02. Brasília.

Disponível em:<

http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010 >. Acesso em: 22 mar 2015, 15h25min.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 01/1999**, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília. Disponível em: <http://www.pol.org.br>. Acesso em: 12 jan 2015, 14h30min.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução n.º 014/11**, de 28 de junho de 2011. Estabelece o uso do nome social para psicólogos (as) travestis e transexuais. Brasília. Disponível em: <http://www.pol.org.br>. Acesso em: 20 jan 2015, 15h20min.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans**. 4 de setembro de 2013. Brasília. Disponível em: <http://www.pol.org.br>. Acesso em: 04 mar 2015, 01h20min.

COSSI, R. K. Desvinculação da experiência transexual do diagnóstico psicanalítico de psicose. **Rev. Psicologia e Saúde**. Campo Grande. V.6, n.1, jan/jun. 2014 <<http://www.gpec.Ucdb.br/>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade (1905) In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia. Relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1901) In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas**. v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo, ensaios sobre metapsicologia e outros textos (1914). In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas**. v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GIONGO, C. R.; MENEGOTTO, L. M. O; PETERS, S. Travestis e transexuais profissionais do sexo: implicações da Psicologia. **Psicologia ciência e profissão**. Brasília, v. 32, n. 4, 2012 Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em 02 mar. 2015.

LIONÇO, T. **Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica**. 2006. 150 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SILVA, G.M. Travestis Transexuais e Empoderamento: Vivências no processo educativo e psicológico no Centro de Referência dos Direitos de LGBT e combate á homofobia do estado da Paraíba. IN: GOMES, J. C.(org.) **Entrelaçando Saberes: compartilhando experiências em educação**. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 181-194.